

## O “NACIONALISMO POPULAR” DE GAMAL ABDEL NASSER

Victor Cecchini de Farias

Mestrando em estudos árabes da USP

### Apresentação

O presente artigo tem como objetivo evidenciar como Gamal Abdel Nasser se utilizou do “nacionalismo popular” para angariar popularidade, força e capacidade de ação em sua luta contra o imperialismo em terras egípcias e no “Mundo Árabe”. Assim serão esmiuçados e analisados os três principais elementos que compunham esta terminologia empregada pelo historiador Albert Hourani.

### Desenvolvimento

Albert Hourani, em sua obra *Uma história dos povos árabes*<sup>1</sup>, utiliza-se da expressão “nacionalismo popular” para evidenciar um conceito que permeou os países árabes durante as décadas de 1950 e 1960, adotado por diferentes grupos e países e com abordagens distintas. O conceito possuía três elementos fundamentais e com grande capacidade de apelo à população: o não-alinhamento (terceiro mundista), a unidade árabe (nacionalismo árabe) e o socialismo (socialismo árabe) (HOURANI, 2006, p. 524-5).

No período abordado, a personalidade que conseguiu empregar com maior eficiência a noção acima foi o líder egípcio Gamal Abdel Nasser, que deixaria de ser uma referência apenas a seus nacionais e tornar-se-ia um líder do “Mundo Árabe”.

O Islã, elemento valoroso, não foi abandonado completamente, ainda era um componente dentro do “nacionalismo popular”, uma linguagem poderosa diante das massas, assim, Nasser e seus companheiros não negaram a importância do Islã nas sociedades locais, na realidade o utilizaram para obter maior influência e legitimidade.

O Egito era e ainda é um país predominantemente islâmico, tendo locais sagrados para a religião, como também uma das escolas religiosas mais importantes da região, a

---

<sup>1</sup> HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. 3ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2006

universidade de Azhar. Desse modo, a utilização do Islã possuía certa importância, principalmente nos primeiros anos de governo de Gamal Abdel Nasser, que precisava legitimar e solidificar seu poder.

O primeiro elemento que devemos olhar com maior atenção é o da unidade entre os árabes, o pan-arabismo, ideologia que ganhou maior visibilidade no Egito a partir da década de 1940, não que necessariamente tenha adquirido o status majoritário nesse período. Concorria com outra corrente ideológica, a do nacionalismo egípcio, que tinha figuras proeminentes como Mustafa Kamil, Sa'd Zaghlul e Taha Husayn. Os intelectuais defensores dessa linha ideológica viam o país como uma localidade ímpar na região, mas é importante lembrar que havia divergências interpretativas entre os defensores desse movimento ideológico.

Considerado um dos grandes heróis nacionais, Mustafa Kamil (1874 – 1908) alimentava o seu movimento nacionalista através da oposição à ocupação britânica da região, evocando por sua total evacuação. Chegou a solicitar o apoio de nacionalistas franceses que defendiam o direito de liberdade e autodeterminação, mas via na “unidade” a real chance de alcançar seu objetivo.

Kamil foca as suas atenções para o Egito, este é o seu protagonista; formam a sua unidade todos aqueles que se sentem pertencentes a esse espaço, assim não está condicionado à língua, à religião ou ao local de nascença, mas a um fidedigno sentimento de pertencimento. “Não havia limitação de língua, religião ou status para aqueles que poderiam ser incluídos nos laços de *wataniyya* (espírito patriótico). Em princípio, poderiam ser incluídos todos os que viviam no Egito” (HOURANI, 2005, p. 222).

“(...) Em 1918, ele se encontrou com delegados árabes do Crescente Fértil na Conferência do Palácio, em Paris, que estavam presentes para discutir por sua Independência. Eles se aproximaram de Zaghlul para sugerir que seus esforços fossem unidos na luta comum pela independência. Mas Zaghlul foi rápido em afirmar que ‘nosso problema é um problema egípcio e não um problema árabe’.”<sup>2</sup> (CHEJNE, 1957, p. 253).

Sa'd Zaghlul (1857 – 1927) aparece como o grande representante do nacionalismo egípcio pós-Primeira Guerra Mundial. O líder do Wafd destaca a unicidade do Egito, uma

---

<sup>2</sup> Trecho traduzido pelo autor, padrão que seguirá nas outras citações de obras estrangeiras.

região particular, separada do “Mundo Árabe”, assim a única forma de resolver as suas questões era através de suas próprias ações. Seu partido político inicialmente apelava para a união acima das concepções religiosas, como também para as mulheres educadas do país. A libertação diante da “maior potência mundial” pedia este esforço.

O Partido Wafd consegue deter grande apoio popular, no entanto, a organização política deixa de evocar a união e demandas como educação e economia, para autoproclamar-se o próprio povo, focado na luta contra a colonização britânica<sup>3</sup>. Zaghul coloca a luta pela independência como a maior preocupação nacional, todos tinham a mesma demanda e buscavam o mesmo objetivo, a liberdade.

Para o filósofo, escritor e defensor do nacionalismo egípcio Taha Hussayn (1889 – 1973), a meta da vida humana (a busca pela civilização), só pode ser alcançada por meio da separação entre razão e religião. Para esse autor, não há sobreposição entre os setores, assim Hussayn defende que cada um destes possui a sua área de atuação. A ação dos indivíduos deve ser guiada pela razão (científica), enquanto que o sofrimento humano, suas aflições, empatia, humildade, devem ser regido pela religião.

Deve-se destacar que a fala não é concebida para desmoralizar a crença religiosa, mas para evidenciar que sua atuação deve ocorrer em uma área específica, a dos sentimentos e das ações que não podem ser aplacados pela utilização da lógica. O filósofo ainda observava na crença religiosa a capacidade de fomentar sentimentos nacionalistas; desta forma, deveria ser utilizada nesse sentido.

Assim como Kamil, Hussayn observava no sentimento de pertencimento um aspecto fundamental para a formação da nação egípcia. Em suas ideias sobre a composição de sua população não havia diferenciações religiosas, apesar de ressaltar uma separação entre indivíduos de outras localidades (europeus e levantinos) - que detinham terras ou setores importantes na economia nacional - e os egípcios. (HOURANI, 2005, p. 346).

---

<sup>3</sup> Ver mais em: Sa’d Zaghul, *Majmu‘at khutab*, p. 27. In: HOURANI, Albert. *O Pensamento Árabe na era liberal: 1798-1939*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 236.

“Definida nesse sentido, a Europa é o mundo moderno; e Hussayn acredita que o Egito independente deve se tornar parte da Europa, pois essa é a única maneira de se tornar parte do mundo moderno.” (HOURANI, 2005, p. 342). A Europa era o grande exemplo civilizacional para Taha Hussayn, havia chegado a este patamar, pois suas nações eram independentes e democráticas.

Outro conceito agregador que se mostrava presente em terras egípcias era o pan-islamismo, que apesar de ter perdido certo espaço nos setores educados, ainda preservava grande influência diante da população e tinha sua ideologia utilizada por um grupo de grande capacidade organizacional, a Irmandade Muçulmana. A ordem se utilizou de ideias de grandes pensadores como al-Afghani e ‘Abduh para fundamentar a sua ideologia pan-islâmica. Ambos os pensadores tiveram grande influência perante a sociedade, como também nas gerações que os sucederam. Zaghulul havia sido inicialmente discípulo de al-Afghani e de ‘Abduh, mas se destacou por evocar o nacionalismo egípcio.

Diante de tantas forças conceituais e ideológicas que permeavam o Egito desde o início do século XX - as diferentes interpretações e concepções sobre o nacionalismo egípcio e o ideal pan-islâmico da Irmandade Muçulmana -, como o pan-arabismo ou o nacionalismo árabe adentrou e galgou proeminência?

“(…) a única questão que consistentemente encontrou eco entre as populações urbanas e educadas de fala árabe do Oriente Médio foi o crescente perigo da imigração judaica na Palestina. Ali estava uma preocupação que uniria os nacionalistas árabes, os islamistas e os crentes na Grande Síria.” (DAWISHA, 2016, p. 107).

A questão Palestina foi desde muito cedo um catalisador de fortes sentimentos, seja para a população judia, para os árabes ou para as metrópoles coloniais. Questão difundida devido à capacidade de propagação dos novos meios de comunicação, como o rádio e os jornais.

“(…) a revolta árabe na Palestina, que começou como uma greve geral em 1936 ganhou ímpeto para se tornar uma revolta generalizada que durou grande parte dos três anos e custou a vida de três mil árabes, dois mil judeus e seiscentos britânicos, trazendo o conflito totalmente para a consciência árabe, tornando a Palestina uma questão árabe. A pressão popular levou os governos árabes e as lideranças políticas a se manifestar publicamente em apoio aos árabes palestinos, a intervir com os britânicos nos planos de dividir o país e finalmente a cooperar

para falar como uma voz oficial em conferências internacionais.” (DAWISHA, 2016, p. 108)

A revolta ocorrida contra a ocupação britânica da região foi duramente reprimida pelas forças metropolitanas, deixando um alto saldo. A ampla comoção gerada pelo confronto pressionou as personalidades políticas para que atuassem em favor dos palestinos. Em 1939, a Conferência de Londres ficou marcada como uma das primeiras reuniões internacionais em que os países árabes uniram seus esforços e ressaltaram a ideia de que os árabes possuíam interesses e perspectivas comuns (DAWISHA, 2016, p. 108).

A participação do Egito tornou públicas ideias pan-arabistas em uma localidade em que prevalecia o nacionalismo egípcio e que tentava se distanciar do Oriente Médio. Por mais que se possa questionar as reais intenções dos políticos egípcios, que estavam agindo devido à reação popular, como também se utilizando do sentimento contra os britânicos e da Irmandade Muçulmana que tentava influenciar a população com perspectivas pró islâmicas; ainda se pode evidenciar como as ideias da existência de uma perspectiva geral entre os árabes, de um esforço coordenado em prol de um objetivo comum, conseguiram acessar de tal força as camadas populares do país que a fizeram pressionar o establishment para atuar a favor de suas demandas.

A questão Palestina também trazia perspectivas territoriais e econômicas ao Egito. A imigração constante e volumosa de judeus para a região significaria o aumento sucessivo das terras de um futuro Estado, que consumiria localidades pertencentes a outros países árabes; já em relação à economia, uma nova nação poderia criar uma barreira à entrada de mercadorias egípcias no Oriente Médio.

“(…), o envolvimento do Egito nos assuntos árabes havia crescido constantemente, de modo que, na década de 1940, os líderes do Egito ficaram bem sintonizados com seu ambiente árabe e com a centralidade do Egito nesse meio. Isso não sugere que o nacionalismo árabe tenha se tornado a ideologia dominante no Egito nos anos 1940. Longe disso. Para a maioria dos cidadãos, a lealdade ao Egito e ao Islã ainda era um impulso mais poderoso do que a lealdade ao nacionalismo árabe. Mas a resposta do Egito à revolta palestina, apesar de ter uma forte dimensão islâmica, ressaltou os laços culturais e históricos do Egito com outros árabes”. (DAWISHA, 2016, p. 121)

Dawisha reforça a importância da revolta da Palestina como um catalisador para a propagação da solidariedade entre os países árabes, como também das ideias do

nacionalismo árabe, no entanto, ressalta como na década de 1940 este ainda não era o conceito predominante no Egito, que ainda observava a proeminência do nacionalismo egípcio e das ideias pan-islâmicas.

O Egito ainda fitou positivamente a possibilidade de atuar nesta esfera como um ponto de referência. “O aumento do interesse egípcio no pan-arabismo é atestado pelo seu papel ativo no estabelecimento da Liga Árabe em 1945. ‘Abd al-Rahman ‘Azzam tornou-se o Secretário Geral da Liga” (CHEJNE, 1957, p. 259). A formação do grupo concretizou oficialmente o embrião que havia se formado um ano antes em uma reunião proposta pelo governo egípcio e que contou com presença da Síria, da Transjordânia, do Líbano, do Iraque, da Arábia Saudita, do representante dos árabes da Palestina, do Iêmen, além dos anfitriões; e tinham como objetivo abordar a cooperação entre os países envolvidos. A integração do Egito a uma Liga Árabe ressalta, mesmo que indiretamente, seu pertencimento a este grupo e realidade.

Enquanto a formação da Liga Árabe constituiu uma maior cooperação entre os países árabes no estabelecimento de objetivos comuns, a derrota na Guerra Árabe-Israelense de 1948-1949 acabou por gerar grande descrédito às ideias pan-arabistas ao redor do “Mundo Árabe”. No Egito, inicialmente, a derrota acabou por reforçar o nacionalismo egípcio e a necessidade de focar em seus assuntos internos, tendo aqueles que evocassem a retirada da Liga. (DAWISHA, 2016, p. 132-3)

“Combatíamos em Eretz-Israel, mas era só com o Egito que sonhávamos. As nossas balas eram dirigidas contra o inimigo que nos espreitava de suas trincheiras, mas o nosso coração estava na pátria distante que, nesses dias, era vítima daqueles que a saqueavam.” (NASSER, 1963, p. 64)

A fala de Nasser sobre a Guerra Árabe-Israelense evidencia, assim como o defendido por Adeed Dawisha, que o autor tem seu foco na questão nacional, propriamente do território egípcio e não no nacionalismo árabe.

“Chegamos a êsse ponto, meus pensamentos lançavam-se súbitamente para além da frente de batalha, para além das fronteiras, até o Egito. Dizia a mim mesmo: “A minha pátria é como uma Faloudja mais vasta. O que aconteceu agora em Eretz-Israel não é senão uma cópia em miniatura do que se passa no Egito. A nossa pátria também está cercada. É vítima da rapina dos inimigos” (NASSER, 1963, p. 65-6).

A pátria mencionada não é a “nação árabe”, mas o Egito, o seu interesse localiza-se em sua terra natal, em livrar-se de inimigos que estavam roubando, pilhando suas riquezas e esperanças. Nasser não se mostra diferente dos demais militares e civis que reforçaram o sentimento nacional egípcio após a Guerra Árabe-Israelense de 1948. Assim como os demais, observou na derrota o reflexo da corrupção de um governo que enriquecia às custas da população, um *establishment* submetido ao imperialismo, à opressão metropolitana.

“E foi nessa postura essencialmente anti-imperialista que o nacionalismo árabe encontrou sua voz mais vibrante. Quase ficamos tentados a dizer que Nasser entrou no nacionalismo árabe pela porta dos fundos do anti-imperialismo.” (DAWISHA, 2016, p. 139). Dawisha apresenta como o líder se apropria do nacionalismo árabe; não era um filósofo que analisou o conceito e o idealizou em sua peculiaridade e unicidade, mas fitou na ideologia a capacidade de arregimento contra o imperialismo e sua influência na região.

Em “A Filosofia da Revolução”, é possível observar a flutuação entre a preocupação com a pátria, o Egito, e a defesa da cooperação entre os países árabes devido a aspectos históricos e culturais semelhantes. “Tinha, então, o sentimento de que defendia o meu lar. Esse sentimento reforçou-se pelo contato com os filhos dos refugiados que tinham tido suas casas destruídas e que tinham perdido todos os seus haveres.” (NASSER, 1963, p. 108). As menções à unidade árabe não são poucas e mostram-se claras em grande parte da obra. Podemos notar, nessa passagem, como o presidente do Egito utilizava-se do confronto, explanando sobre a sensação de pertencimento àquela localidade, cultura e realidade a um ponto tão elevado que o identificou como seu ‘lar’, havia deixado de ser um egípcio e assumido a identidade de um árabe lutando por seu território, sua liberdade e a de seus conterrâneos.

“Depois do cerco e dos combates, ao regressar à pátria, via claramente que toda a zona árabe constituía, na verdade, uma só unidade e que não devíamos mantê-la separada e dividida em diversas seções. A evolução dos acontecimentos reforçou a minha convicção de que o Cairo, Amã, Beirute e Damasco constituíam uma só zona, que sofreu os mesmos acontecimentos, e que tem o mesmo obstáculo a transpor: o imperialismo.” (NASSER, 1963, p. 108-9)

Nasser tenta aproximar o Egito de outros países árabes, opondo-se ao regime anterior, que defendia certo afastamento, alegando diferenciações culturais e históricas, além de uma aproximação às potências europeias. Desta maneira, a Síria, a Transjordânia, o Iraque e o Líbano passaram pela experiência do imperialismo de forma similar à do Egito e para tornar possível a criação de uma única “zona árabe”, todos deveriam superar esse acontecimento.

O segundo elemento que compõe o “Nacionalismo Popular” analisado por Albert Hourani é a ideia do “Terceiro Mundo” ou “Não-Alinhamento”, que foi utilizada durante a Guerra Fria para definir os países que não compunham nem o bloco capitalista – tendo como líder os Estados Unidos – e nem o bloco socialista – liderado pela União Soviética.

“Essa foi a época em que se tornou importante a ideia de países do ‘Terceiro Mundo’: quer dizer, a ideia de uma frente comum de países em processo de desenvolvimento, sobretudo pertencentes aos ex-impérios coloniais, mantendo-se descomprometidos com qualquer dos dois blocos, o do ‘Ocidente’ e o do ‘Oriente’ comunista, exercendo um certo poder coletivo pela ação conjunta, e em particular pelo domínio de uma maioria na Assembléia Geral das Nações Unidas” (HOURANI, 2006, p. 524).

O “não-alinhamento” não significava que todas as relações seriam encerradas entre qualquer um dos blocos, mas, ao contrário, implicava que era possível negociar abertamente com qualquer um dos grupos ou com outros países que também pregavam a neutralidade.

“John Foster Dulles, o secretário de Estado dos EUA, trouxe a ideia de uma aliança de defesa contra as ambições soviéticas na região para o Cairo em maio de 1953. Mas os objetivos dos americanos contrastavam nitidamente com os dos egípcios. Nasser e os outros membros da junta militar não estavam nem um pouco preocupados com as ameaças da União Soviética, que, como Nasser lembrava a Dulles, estavam ‘a cinco mil quilômetros de distância’. Em vez disso, eles tentaram sublinhar em Dulles que foi a ‘ocupação’ britânica do Canal de Suez que, em seus cálculos, representou a principal ameaça não apenas à estabilidade do Egito mas também à legitimidade e possível sobrevivência dos líderes militares do país. Quando Dulles deixou o Cairo, ele levou consigo o que era, na melhor das hipóteses, uma resposta morna do Egito à sua iniciativa” (DAWISHA, 2016, p. 141).

Dawisha expressa com clareza a preocupação egípcia: a ocupação dos britânicos em seu território. A realização de um pacto com as lideranças estadunidenses poderia implicar a manutenção das forças imperialistas no Egito, como até mesmo um aumento em seu contingente, mascarando a verdadeira ameaça em função de protegê-los de outra

nação a milhares de quilômetros de distância. Assim, a citação não ressalta o interesse da Junta Militar em agregar a um ou a outro bloco, mas a luta contra os interesses metropolitanos que ainda se mostravam presentes mesmo após 30 anos da proclamação da “independência” nacional.

Em 1954, o Primeiro-Ministro Iraquiano Nuri Said apresentou-se simpático às ideias dos EUA em compor um bloco pró-Occidente. O Premiê foi ao encontro de Nasser para tentar estabelecer parâmetros que trouxessem o Egito para o acordo.

“O problema era que, enquanto Nasser enfatizava a neutralidade árabe na luta ideológica e política entre as superpotências, Nuri não conseguia conceber um caminho político para os árabes que se divorciasse do Occidente” (DAWISHA, 2016, p. 162). A criação do Pacto de Bagdá em 1955, composto inicialmente por Iraque e Turquia, marcou o ápice das tensões e rivalidades entre Nasser e Nuri. Descontente, o líder egípcio ambicionava isolar o Iraque no Oriente Médio; desta forma, estabeleceu Pactos defensivos com a Arábia Saudita, a Síria e o Iêmen. Apesar do estabelecimento de alianças políticas com outras regiões, a principal arma de Nasser contra o Pacto de Bagdá foi a propaganda e o domínio cultural.

“A pedido da liderança do Egito, a ‘Voz dos Árabes’ lançou uma investida contra o governo do Iraque sobre o Pacto de Bagdá e outras supostas infidelidades à causa nacionalista e passou a chamar Nuri al-Sa’id de ‘traidor’.” (DAWISHA, 2016, p. 165). Inicialmente, a utilização de propagandas contra ações políticas concretas pode aparentar pouca efetividade ou completa inutilidade, porém a prevalência cultural do Egito era de tal modo proeminente que se mostrava como uma das armas mais poderosas a serviço de Nasser.

“Grande parte dos programas transmitidos por todas as estações – entrevistas, músicas e peças – organizava-se no Cairo, e também disseminara um conhecimento do Egito e sua maneira de falar. A estação mais influente dessa época foi ‘A Voz dos Árabes’, transmitida do Egito para os países vizinhos, expressando em tom estridente as aspirações dos árabes na ótica do Egito. Algumas vozes egípcias tornaram-se conhecidas em toda parte – a do governante do país, Gamal ‘Abd al-Nasser, e a da mais famosa das cantoras egípcias, Umm Kulthum; quando ela cantava, todo o mundo árabe ouvia.” (HOURANI, 2006, p. 513)

A citação expressa o protagonismo exercido pelo Egito em relação às transmissões de rádio, todavia a influência cultural egípcia no mundo árabe não se dava apenas por esse meio de comunicação, mas em inúmeras áreas como: literatura, programas de televisão, jornais, teatro, cinema, materiais didáticos. Essa diversificação foi o que possibilitou que Nasser transmitisse em larga escala as ideias que estavam sendo discutidas, e que eram defendidas pelo seu governo, aos países árabes que consumiam sua “produção cultural”.

“Embora o Egito precisasse de seus professores para atender à enorme expansão da educação, o governo continuou e, de fato, aumentou a tradicional exportação de professores para escolas de outros países árabes. Os professores egípcios não eram apenas um testemunho vivo da primazia do Egito, mas também das políticas e princípios de Nasser.” (DAWISHA, 2016, p. 150)

Uma das táticas de Nasser, que foi a exportação de professores a outros países árabes, ainda deve ser mencionada, pois era a propaganda governamental em carne e osso, que transmitiria com eficiência e constância as ideias do líder egípcio, cativando pessoas desde o ensino básico até o superior. Um bom exemplo, e em escala ampliada (uma vez que envolvia a América do Sul), é o do professor Helmi Nasr, enviado ao Brasil pelo dirigente e fundador do Departamento de Estudos Árabes da Universidade de São Paulo.

O nome da principal rádio do país, “A Voz dos Árabes”, vem ao encontro deste sentido de transpassar limites nacionais, assim Nasser, como os locutores, perdem suas identidades nacionais e adquirem outra; trata-se assim de um ou mais árabes discursando e apelando a outros árabes. “(...) ‘A Voz dos árabes’ transmitiu constantes apelos à emancipação e à unidade árabe. É amplamente ouvida no mundo árabe e tem sido um dos instrumentos mais poderosos para a disseminação de esperanças e aspirações pan-arabistas.” (CHEJNE, 1957, p. 265).

Nuri Said tenta responder com o mesmo instrumento, utilizando as ondas de rádio para defender o seu ponto de vista à população iraquiana, no entanto, a capacidade de alcance egípcio era inigualável e imbatível. Seu poder era tão proeminente que impediu a entrada da Jordânia no Pacto de Bagdá (DAWISHA, 2016, p. 170-1).

O ano de 1955 também foi marcado pela Conferência de Bandung, primeira reunião de países não-alinhados, que tentavam mostrar a possibilidade de ação mesmo não estando associados a nenhum dos dois grandes blocos.

“(…) as palavras de Nasser foram tratadas pelos outros líderes, assim como pela mídia, como representando não apenas o Egito, mas o mundo árabe. Quando ele falou foi com a confiança e o comportamento de alguém que sabia que ele tinha população árabe atrás dele” (DAWISHA, 2016, p. 166).

É em Bandung que Nasser apresenta mais efetivamente ao bloco capitalista que suas demandas não ficariam sujeitas aos interesses e às concordâncias do Ocidente, pois foi onde estabeleceu um acordo de compra de armamentos com a Tchecoslováquia, devido à recusa de britânicos e americanos em vender armas em larga escala para o Egito. Dawisha argumenta que a obtenção significou a quebra do monopólio do Ocidente, como também expressou uma aproximação com a URSS, já que estes seriam os reais vendedores, tendo os tchecos como intermediários (DAWISHA, 2016, p. 167-8).

“As pessoas que tomaram as ruas em Damasco, Bagdá, Amã e até mesmo nas cidades dos conservadores e menos desenvolvidos protetorados do Golfo viram no acordo de armas tcheco não apenas uma afirmação da independência do Egito mas uma vitória árabe sobre o 'imperialismo' e sua 'descendência ilegítima', Israel. Não por um eufemismo, a 'Voz dos Árabes' anunciou o acordo por meses como uma conjuntura importante na marcha histórica do nacionalismo árabe” (DAWISHA, 2016, p. 169).

A popularidade de Nasser subia exponencialmente. Em poucos anos o líder oculto de uma organização secreta militar do Egito, país que observava a si próprio como uma exceção diante do “Mundo Árabe”, havia sido catapultado ao posto de indivíduo indubitavelmente mais influente e poderoso do pan-arabismo e da localidade. Com sua ascensão meteórica, o Ocidente não poderia desistir facilmente de sua figura.

Desta forma, no final de 1955, os EUA e a Grã-Bretanha ofereceram auxílio à construção da Barragem de Assuã, obra que possibilitaria o aumento das terras cultiváveis do Egito, fator que melhoraria a economia nacional.

A construção era o evento ideal para captar Nasser ao Bloco Ocidental, pois atrelaria a economia egípcia ao Banco Mundial, portanto, às potências capitalistas, fazendo com que mais uma vez afastassem a ameaça da União Soviética da região. Além

do fracasso em atrair Nasser, o financiamento resultou em uma nova crise potencialmente poderosa.

No início de 1956, o Primeiro-ministro da Grã-Bretanha, Anthony Eden, culpou o Presidente Egípcio, Gamal Abdel Nasser, pela demissão de John Glubb do exército jordaniano em função das constantes acusações das rádios egípcias, que apresentavam o Reino Hachemita como um servente dos interesses britânicos. O segundo evento que foi importante para a retirada do financiamento da Barragem de Assuã pelo bloco capitalista foi o reconhecimento da República Popular da China em maio do mesmo ano.

“Em resposta a isso, o governo egípcio não menos de repente nacionalizou a Companhia do Canal de Suez e assumiu a administração do Canal.” (HOURANI, 2006, p. 481). Por sua vez, em razão da nacionalização, França, Grã-Bretanha e Israel arquitetaram um plano para retomar o domínio sobre o Canal, como também para derrubar Nasser do poder. A invasão dos três países causou grande incômodo tanto na União Soviética, que observou uma região de extrema importância comercial e uma nação com a qual tinha relações econômicas ser tragada pela zona capitalista; bem como nos Estados Unidos, que não foram informados das ações de seus aliados e se atentaram à possibilidade de serem arrastados para uma guerra que tentavam evitar.

“A assinatura do acordo sob o qual as forças britânicas deviam deixar a Zona do Canal na verdade não levava à entrada do Egito no sistema de defesa ocidental. Ao contrário, dava-lhe a liberdade de seguir uma política de não-alinhamento, e de formar em torno de si um bloco de países árabes igualmente não alinhados com o qual o mundo externo teria de lidar como um todo. Uma expressão desta política foi a estreita relação estabelecida com os principais defensores da idéia de não-alinhamento, Índia e Iugoslávia (...).” (HOURANI, 2006, p. 480).

À primeira vista, a intervenção norte-americana no confronto pelo controle do Canal de Suez em favor do Egito pode aparentar o estreitamento dos laços entre os dois Estados, no entanto, ocorreu no sentido de evitar um futuro confronto ou maiores tensões com a União Soviética, que se mostrou insatisfeita e contra a ação direta dos países do bloco capitalista no Egito. Os eventos relatados acima acabaram por aproximar as relações entre o Estado egípcio e a URSS, pois o primeiro sofreu um pesado boicote econômico por parte do bloco capitalista. “O boicote, acima de tudo, forçou o Egito a se

voltar para o bloco comunista e levantou o prestígio da União Soviética entre os árabes.” (MANSFIELD, 1967, p. 52).

A terceira dimensão no “Nacionalismo Popular” é o socialismo. A utilização desta terminologia pode levar à compreensão equivocada que o não-alinhamento egípcio era relativo, sendo muito mais aspecto discursivo do que uma realidade. Porém, este elemento não implica necessariamente que o Egito integrava o bloco Oriental, sobre influência da URSS.

O socialismo defendido por Nasser não era igual ao utilizado e defendido pelos partidos ao redor do globo, nem mesmo com o comunismo da União Soviética. Em uma visita de Khrushchev ao Egito após um desentendimento entre ambos os países em 1961, Anwar Sadat explicita as diferenças do “socialismo árabe”.

“O socialismo em que acreditamos é baseado ... na libertação e liberdade do indivíduo. Visamos à destruição da exploração e ao trabalho para a eliminação das diferenças de classe ... Acreditamos que o caráter sangrento da luta interclasse pode ser evitado e que a eliminação imperativa das anomalias sociais pode ser alcançada dentro da estrutura da unidade nacional. Acreditamos também que há uma série de fatores espirituais, incluindo a religião, que têm seus efeitos além do desenvolvimento material da base aceita” (PODEH; WINCKLER, 2009, p. 241).

Sadat expressa que o “socialismo árabe” age no sentido de eliminar as diferenças entre as classes; desta forma, implicitamente não nega a luta entre estas e não apresenta interesse na destruição dos diferentes estratos sociais, mas sim a erradicação da exploração de uma sobre a outra, preservando assim a sua existência; diferentemente do socialismo científico que clamava por uma sociedade sem classes, onde a eliminação da exploração significava a extinção das classes, abolidas pela tomada de poder do proletariado. “O Egito não se tornaria uma sociedade sem classes, mas sim uma sociedade em que nenhuma classe poderia dominar a outra.” (PODEH; WINCKLER, 2009, p. 131).

O apela à possibilidade de evitar um demasiado embate gerado pela luta de classes baseado na união nacional e sua capacidade de eliminar as distinções entre os estratos, caminha ao encontro da luta anti-imperialista no Egito e da fomentação de sentimentos nacionalistas.

“A situação exigia que a preocupação da unidade prevalecesse sobre as lutas de indivíduos e de classes. Era preciso que essa preocupação penetrasse no coração do povo. Era também necessário que se possuíssem os meios materiais que garantissem uma ação rápida e decisiva. Essas condições existiam somente no exército.” (NASSER, 1963, p. 78)

Unindo os diferentes setores da sociedade e fomentando em suas fileiras fortes sentimentos nacionais, Nasser consegue canalizar as energias contra o imperialismo e a antiga política que se mostravam presentes na região. Este é o grande objetivo do líder egípcio, conquistar a independência definitiva e utilizar-se verdadeiramente de sua soberania nacional.

No raciocínio do governo egípcio não há sentido em uma luta entre os extratos sociais, pois a opressão interna já estava sendo desintegrada desde a Revolução de 1952 e necessitava-se da união de toda a nação para continuar o embate contra o inimigo externo. Esta linha de pensamento leva a um fortalecimento da figura do Estado, pois este é o responsável direto pela luta contra a dominação colonial e o esfacelamento da exploração presente na antiga estrutura social que se dizia tencionado em eliminar.

“O programa de reforma social era justificado em termos da idéia de um ‘socialismo árabe’ específico, um sistema a meio caminho entre o marxismo, que representava o conflito de classes, e o capitalismo, que significava o primado dos interesses individuais e a dominação das classes que possuíam os meios de produção. No ‘socialismo árabe’, achava-se que toda a sociedade se formava em torno do governo que defendia os interesses de todos” (HOURANI, 2006, p. 530).

A fala de Hourani expressa com maior clareza o empoderamento do Estado devido a sua centralidade no processo; detendo indústrias médias, pesadas e bancos, adquiridos por meio de estatizações, além de tutelar os setores em que julgasse necessário o incentivo privado. Assim, o socialismo árabe revela suas características peculiares.

Sadat finaliza sua fala a Khrushchev ressaltando a importância das questões espirituais, referindo-se mais precisamente à religião. Como abordado anteriormente, o elemento islâmico era profundamente relevante, sendo um forte catalisador; desta forma, não poderia ser ignorado ou rechaçado simplesmente como um aspecto danoso à sociedade.

“(…) o socialismo árabe de Nasser era uma fusão de idéias nacionalistas e islâmicas com o socialismo. Era um socialismo nacionalista no sentido de que

se acomodava a determinadas circunstâncias árabes e egípcias. O socialismo árabe rejeitou o internacionalismo proletário e enfatizou a distinção da nação árabe”. (PODEH; WINCKLER, 2009, p. 244)

Deve-se ressaltar com maior afinco o objetivo de Nasser de se desvencilhar das influências e da dominação concreta das potências mundiais. O socialismo árabe foi mais um elemento que agiu para fortalecer o seu poder, gerado pelo conseqüente aumento da envergadura do Estado, arregimentando fileiras contra as nações estrangeiras que tencionava em expulsar.

### **Considerações Finais**

O artigo ressaltou os três principais aspectos que compunham o “Nacionalismo Popular” proposto por Albert Hourani. Apesar da especificidade de cada um destes, evidenciou-se como estes elementos interagiam fortemente uns com os outros.

O nacionalismo árabe apresentou-se como um instrumento que agregaria não apenas os egípcios na luta anti-imperialista, mas todos aqueles países árabes que haviam sofrido com a dominação colonial e que ainda tentavam se desvencilhar de suas amarras. Desta forma, a utilização de uma grande “zona árabe” permitiria maior força e capacidade de ação ao líder e de suas políticas sociais e econômicas.

O não-alinhamento possibilitou comprometer-se simultaneamente com ambos os blocos e ao mesmo tempo com nenhum destes. O trânsito de um setor ao outro permitiu utilizar com maior eficiência a soberania nacional, pois ao aderir a qualquer um dos grupos o país acabaria por atrelar sua economia ao Oriente ou ao Ocidente. Simultaneamente a importância deste elemento se sobressai ao romper o monopólio das potências imperialistas na região.

O socialismo árabe e suas contradições auxiliaram no fortalecimento do Estado, centralizando grande parte do poder em suas mãos. Este era ou deveria ser o responsável pela concretização do objetivo apresentado, a completa independência da influência e do jugo imperialista.

O principal ponto de convergência dos três maiores elementos do “nacionalismo popular” aqui analisados era o imperialismo. Nasser se apropriou destas ferramentas

como aglutinadores de popularidade, força e coesão contra as influências e a ocupação concreta das nações ocidentais no Egito e na região que compunha. Ainda se deve ressaltar que os instrumentos possibilitaram a perpetuação de sua figura e a de seus colegas no poder.

### **Referências Bibliográficas**

ALEXANDER, Anne. *Nasser: His Life and Times*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2005.

CHEJNE, Anwar G. *Attitudes toward Pan-Arabism*. *The Middle East Journal*, v.11, n.3, pp.253-268, verão.1957. Disponível em:<<http://www.jstor.org/stable/4322922>> Acessado em 07 de Novembro de 2017.

DAWISHA, Adeed. *Arab nationalism in the twentieth century: from triumph to despair*. Princeton: Princeton University Press, 2016.

DAWISHA, Adeed (Ed.); DAWISHA, Karen (Ed.) et al. *The Soviet Union in the Middle East: Policies and Perspectives*. Heinemann for the Royal Institute of International Affairs, 1982.

FERABOLLI, Sílvia. *Relações Internacionais do Mundo Árabe: Os Desafios de Realização da Utopia Pan-Arabista*. Curitiba: Editora Juruá, 2013.

HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *O Pensamento Árabe na era liberal: 1798-1939*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MANSFIELD, Peter. *Nasser e a Revolução Egípcia*. Civilização Brasileira, 1967.

NASSER, Gamal Abdel. *A Revolução no Mundo Árabe*. 1ª edição, São Paulo: Editora Edarli, 1963.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

PODEH, Elie; WINCKLER, Onn. Rethinking Nasserism: Revolution and Historical Memory in Modern Egypt. University Press of Florida, 2009.

VICENZI, Roberta Aragoni Nogueira. *Nacionalismo Árabe: Apogeu e Declínio*. 2006. 227f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.